







# **VERDADES INCOMPLETAS**

**FILIPA FÉRIA**

**Título Original:** Verdades Incompletas

**Autora:** Filipa Féria

Copyright © Filipa Féria

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Tânia Roberto

**Revisão:** Rita Félix e Rosalina Marques

**Paginação:** Tânia Roberto

**Capa:** Aléxia Oliveira

**1ª Edição:** outubro de 2025

**Acabamento/Impressão:** Líberis

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:** 554448/25

**ISBN:** 978-989-3619-26-1



À minha Maddie, pela sua alma e coração.





## ***Prólogo***

### ***Beatriz***

**LUZES** intermitentes de várias tonalidades piscavam ao meu redor. A miscelânea reluzente dançava ao ritmo da música demasiado alta.

Se me incomodava? Um pouco. Mas se me queria divertir? Muito. A discoteca escolhida era ampla e com pequenos pufes verdes colocados deliberadamente próximos do bar.

Lancei um vago olhar ao copo que segurava, notando que o líquido borbulhante estava a terminar. Cambaleei até ao bar, onde me espremi para chegar junto ao balcão, dado o aglomerado de pessoas a pedir a atenção do *barman*.

Empunhei o copo, o mais alto que consegui, gritando por uma nova bebida. Duvidava que me ouvissem perante o ribombante da música que estava a tocar. Voltei a abanar o copo, desta vez, próximo à face de um empregado.

Ele sorriu-me, pegou no copo e apontou para as garrafas devidamente empilhadas nas prateleiras atrás de si. A garrafa branca ornamentada com uma palmeira foi a minha escolha. Adorava o sabor adocicado do coco.

Já de copo cheio, regressei à pista de dança procurando pelo meu grupo. As pessoas acotovelavam-se, empurravam-se. Balancei o corpo ao compasso do que me pareceu um ritmo latino e rodopiei até me aproximar do centro da pista.

As luzes psicodélicas dificultavam o reconhecimento dos rostos ao meu redor. Girando, tentei encontrar as minhas amigas. Um apertão na anca e olhei por cima do ombro.

O moreno era giro, de sorriso fascinante. Afastei-me, embrenhando-me no seio da multidão.

A amálgama de gente começou a afetar-me. Tentei sentar-me num pequeno degrau, junto da pista, mas, em vez disso, acabei por escorregar encostada a um dos pilares que lá estavam.

Já há várias bebidas atrás que a minha postura deixou de ser a mais correta. Não que isso me afetasse. Não hoje. Afinal, a Carolina era a primeira de nós a casar. Aquela despedida de solteira tinha de ser um máximo.

Sentada no degrau com o queixo apoiado na mão, rodopiei a bebida enquanto cerrava os olhos. A face da minha chefe inundou-me os pensamentos.

Ameaçou-me, ou como disse «avisou-me», que se por algum motivo tornasse a não cumprir os objetivos delineados, teria de tomar providências. Resumindo, eu estava prestes a ser despedida.

Lutei tanto por aquele lugar que não me via fora da empresa. Erguendo as pálpebras vislumbrei um magote a aproximar-se. E bem no centro dele, envergando uma tiara ostensiva e um pequeno véu, estava a Carolina.

Não lhes havia contado da imprecação no trabalho. Não achei certo estragar a festa. Levando o copo aos lábios, senti o doce da bebida a terminar.

Suspirei e a custo ergui-me. Tornei a dirigir-me ao bar, com a visão turva a dificultar-me a vida. Erguendo o copo, apontei o dedo ao líquido ambarino contido na garrafa transparente com o nome escocês gravado. Odiava *whisky*, mas naquela noite iria mandar a cautela às urtigas.

O primeiro gole queimou-me a garganta. Pisquei os olhos inúmeras vezes, evitando que as lágrimas tombassem.

O segundo gole, deixou apenas um leve ardor. O terceiro, apenas amargou. O resto, bebi de um trago.

Abanando-me até à pista, gritava junto com Ricky Martin, *Livin' la Vida Loca*. Não havia música mais apropriada para o momento.

Dancei, ri, abanei-me, bamboleei-me. Rodopiei e diverti-me.

Uma súbita vontade de vomitar fez-me correr dali para fora, procurando a casa de banho. Levei a mão à boca, evitando que algo escapulisse.

Vi a porta e corri. Não me lembro se lá cheguei. Não me recordo se as voltei a ver. Não me recordo de mais nada.





## *Capítulo Um*

### *Beatriz*

**ESTAVA** de visita ao inferno, a pagar severamente pelos meus pecados, com o calor e a claridade a insistirem em entrar pelo quarto adentro sem serem convidados. Quem é que gostava de acordar assim após uma noitada com copos a mais? Podia tentar ignorar, mas a luz que entrava pela janela só me mostrava que o pecado estava a rir-se de mim e bem alto. Uma das consequências era, sem sombra de dúvida, não conseguir abrir os olhos.

A dor de cabeça em junção com a claridade eram como uma bomba, uma mistura explosiva depois de me ter divertido pela noite fora. Não fazia ideia das horas, mas esperava que não fosse muito tarde. A sorte era ser sábado, por isso poderia ficar mais um pouco naquele estado lânguido.

Não me recordava de grande coisa da noite anterior e, verdade fosse dita, nem como chegara a casa. Alguém me devia ter vindo trazer ou, numa fraca possibilidade, viera de táxi. Não interessava. Estava em casa, prestes a ordenar ao meu corpo que colaborasse. Precisava urgentemente de uma aspirina e de um balde de café.

Conseguir sentar-me na cama, sem que a cabeça rolasse pelo chão do quarto, já era um ponto a meu favor. Beatriz um, ressaca mil. Estava a perder, mas não sairia sem nenhum ponto. O levantar tomou-me as forças todas. Achava que nem depois de um treino intenso de pernas me sentiria assim, ou se sim não me recordava e naquele momento a memória não era de todo o meu forte. As pernas tremiam. Os pés não me faziam a vontade em se mexerem naturalmente, acabando assim por ter de os arrastar. Ao erguer os olhos, constatei que apenas havia percorrido metade do quarto. Mais lenta era impossível. Lá para o meio-dia haveria de chegar à cozinha.

Consegui fazer o caminho todo até à cozinha sem cair. Tropeçara em alguns objetos, sempre com as mãos tocando e apalpando tudo para ter a certeza que estava no caminho certo. Felizmente cheguei ao meu destino sem me desgrçar e sem partir nada. A maior bênção foi o facto de ter as cortinas para baixo, fazendo com que conseguisse abrir os olhos, mesmo que aos poucos. A escassa luz que passava através das cortinas afligiu-me um pouco ao início, fazendo-me semicerrar os olhos para conseguir ver nitidamente a máquina do café.

Liguei-a e o som do grão a moer e do cheiro torrado que se fazia sentir fez com que o meu cérebro decidisse despertar. Bebi o líquido escuro e só depois tomei a aspirina com um grande copo de água.

Já com os olhos abertos por completo, surgiu-me um sorriso no canto dos lábios. A primeira vitória do dia estava conquistada. Agora era só aguardar que o organismo cooperasse para conseguir fazer alguma coisa hoje. O que me relembrou que ainda não sabia as horas. Teria alguma coisa combinada? Não me lembrava de todo. Levei as mãos à cabeça, talvez se a abanasse os pensamentos se agrupassem no sítio e me orientassem. Ou então ia apenas fazer-me ficar tonta e dado que ainda não me sentia completamente bem, era melhor não arriscar.

Voltei a ligar a máquina e tirei uma segunda chávena de café, caminhando em seguida até à janela. Sem mexer nas cortinas, passei a mão por baixo destas para abrir o estore. Tinha de encarar a claridade gradualmente.

Finalmente comecei a abrir as cortinas devagar, permitindo à claridade entrar. Aos poucos ficou mais forte, refletida no candeeiro amarelo no teto, dando uma maior sensação de que o dia já ia longo. Adorava a luz daquele espaço, principalmente ao pôr do sol. A magia das cores entrava pela janela, preenchendo toda a divisão, dando vida aos tons claros e neutros. Era um prisma completo que me brindava todas as tardes antes de o sol se fundir com o mar. Era aqui que ponderava em tudo. Nas coisas boas, nas más, nas dúvidas que me assolavam, nos fantasmas que me assombravam e no futuro que ainda tinha de viver. Estar ali acalmava-me e eu gostava disso.

Ao olhar pela janela deparei-me com o movimento lá fora. Já devia ser mais tarde do que pensara. A rua estava bastante movimentada e já se viam pessoas na praia a estender as toalhas e as crianças a fazerem

castelos no vasto areal. Virei a cabeça e fitei o relógio sobre a bancada. Onze horas. Devia contactar alguém para saber o que se passou na noite anterior. A minha cabeça ainda se encontrava muito confusa e sem grande noção. Lembrava-me de estar em dúvida na escolha do vestido, de sair de casa atrasada porque demorara mais do que quisera a maquilhar-me e de irmos jantar. O problema surgia a partir daqui. Não me recordava de nada, ou quase nada, desde que as bebidas começaram a chegar à nossa mesa no restaurante.

Talvez se me esforçasse mais o cérebro decidisse colaborar, nem que fosse por mera pena. Lembrava-me de um letreiro com luzes *néon*, mas nem as letras conseguia discernir. Que bela ressaca!

Dirigia-me à casa de banho para tomar um duche quando me lembrei que nem sabia das minhas coisas. Não havia sinal da mala, do telemóvel, nem da maldita chave de casa. Uma onda de pânico tomou conta de mim e congelei no meio do corredor. Fiquei estática enquanto pensava, a ver se algum pensamento me vinha à mente, mas nada. O pânico só acalmou quando percebi que se estava em casa, era porque alguém conhecido me devia ter trazido e não um ladrão que me enfiou na cama e fugiu com os meus pertences.

Achei que o meu cérebro estava a pregar-me partidas, já que eu lhe pedira para colaborar e ele, maldito, em vez de o fazer, fizera o meu discernimento fugir. Sentia-me parva, mas fui até ao quarto antes de tomar banho.

A roupa de ontem estava espalhada pelo chão, assim como os sapatos e a *lingerie*, ou, pelo que via, metade dela, já que não via as cuecas. Perscrutei o quarto e deparei-me com a mala em cima da cómoda. Não devia ter sido eu a colocá-la ali, já que, por norma, a deixava sempre em cima da cadeira que estava ao lado da porta. Também não tinha por hábito deixar a roupa espalhada pelo chão e muito menos em falta. Peguei na mala e abri-a sentando-me na cama. Mal agarrei no telemóvel vi que tinha dezenas de chamadas não atendidas, já para não falar em mensagens.

Tudo chamadas das raparigas, *ok*! As mensagens também eram delas.



Onde andas?



Onde te meteste?



Estamos fartas de te procurar.

Sentia-me ainda mais confusa. Teria eu desaparecido da festa? Teria vindo embora sem me despedir? Não me recordava. Esforcei-me ao máximo, mas não me conseguia lembrar de nada.

A última mensagem era de um número desconhecido. Mal toquei no ecrã e esta abriu fiquei em choque.



*Olá, espero que quando acordares te encontres  
melhor do que quando te deixei.  
E também espero que te lembres de tudo o  
que se passou ontem.*

Na mensagem vinha ainda uma imagem que me deixou completamente perplexa com a minha atitude e ousadia. A foto de umas cuecas vermelhas rendadas enchia o ecrã do meu telemóvel. Não sabia quem ele era, mas ao menos já sabia do paradeiro da peça que faltava.



## ***Capítulo Dois***

### ***Beatriz***

**MESMO** sem nada marcado para aquele dia, fiz questão de me encontrar com uma das participantes daquilo que apelidei de «episódio ousado do esquecimento». Se não me recordava de quase nada tinha de me encontrar com alguém que, esperava eu, tivesse uma memória mais recheada e apurada do que a minha. Além disso, faltava-me coragem e ousadia para ligar ao remetente da estranha mensagem, apesar de ele me poder fornecer dados, alguns deles, talvez, bastante detalhados. Possivelmente, havia esgotado o meu limite de ousadia e descaramento no dia anterior, porque, naquele dia, definitivamente não me restava nada.

Entrei no estacionamento do restaurante onde nos combinámos encontrar e vi que a Caetana ainda não tinha chegado. Não é novidade. Se algum dia a Caetana chegar a horas a qualquer sítio que seja, algum milagre aconteceu. Suspirei e saí do carro, um pouco cautelosa. Não conseguia andar completamente direita e por vezes cambaleava demais. Ainda bem que levava ténis calçados, não queria imaginar se me tivesse passado pela ideia levar saltos altos. Por aquela altura já estaria de cara no chão a contar pedrinhas.

Cheguei ao restaurante, sem nenhum incidente pelo caminho. Enquanto esperava por ela, aproveitei para tentar relaxar. A música calma que saía das colunas criava um ambiente propício ao convívio e conversas sérias. Eu era uma pessoa honesta e correta, a maior parte do tempo, não tinha por hábito deixar-me levar em loucuras e atitudes desvairadas. Talvez andasse recalçada há algum tempo. Podia ser isso, certo? Talvez devesse dar mais voz ao meu interior, não me contendo tanto, libertando os meus desejos.

Estava a ponderar todas as hipóteses quando dei por uma cadeira, na mesa onde estava sentada, a ser puxada por alguém.

— Olá! Escusas de me fuzilar com o olhar.

— Ora viva! Atrasada para variar. — Apontei para o relógio, como se ela não soubesse.

— Ao menos não desapareci. — Sentou-se ao meu lado fazendo sinal para ser atendida. — Onde te meteste ontem?

— Isso, minha rica amiga, é o que eu quero saber, mas a minha mente só me dá informações nubladas.

— Bem, desde que chegámos à discoteca que, basicamente, deixámos de te ver. — Recostou-se na cadeira, enquanto não chegava ninguém à nossa mesa. — Até pensei que te tinhas sentido mal ou assim. Fui até à casa de banho, mas nem sinal de ti.

— Pois, mas antes de ter desaparecido bebi o quê? Viste-me com alguém?

— Não te vi com ninguém. Eu também não estava propriamente sóbria para hoje me recordar de tudo. Mas a última vez que me recordo de te ver, estavas ao balcão a pedir uma rodada de *shots*.

— Não me lembro de nada disso. — Um rapaz chegou para fazermos os pedidos e eu adiantei-me logo. — Dois *Ice Teas* e uma salada de frango para mim.

— *Ice Tea*? Eu não quero *Ice Tea*. Quero uma cerveja, já vi que ela não me vai fazer companhia. E uma salada, mas de camarão, se faz favor. — Mal o rapaz virou costas, Caetana olhou para mim com um ar confuso. — Que raio foi aquilo? Sumo?

— Não estou propriamente bem e não quero mais álcool no organismo antes de este sair por completo.

— Mas eu posso beber. Enfim, após o *shot*, foste dançar e depois evaporaste-te. Ninguém te via ou sabia de ti. Ligámos-te várias vezes e nada. Afinal, o que é que aconteceu?

— Isso queria eu saber. Nem sequer sei como cheguei a casa. Acordei sem saber onde estava. O pior veio depois. — Ganhei coragem e entreguei-lhe o telemóvel com a mensagem aberta, tapando os olhos. — Não vais dizer nada?

Abrindo os dedos, vi-a morder o lábio inferior, contendo-se. E, num instante, deixou-se libertar e riu, mas as gargalhadas guturais em pleno

restaurante foram o suficiente para eu querer desaparecer para debaixo da mesa. A única solução foi desviar a cara e tapá-la com as mãos, mas nem assim ela se apercebeu do meu embaraço. As pessoas olhavam na nossa direção, algumas com ar confuso, outras a rirem-se também. Maravilha. Agora além de uma amiga, também os desconhecidos se riam do rosar súbito da minha face.

— Será que podes acalmar-te? — sussurrei-lhe, por entre os dedos.

Limpou as lágrimas e sorriu para mim, contraindo os lábios para não rir mais. Estava arrependida de a ter escolhido para fazer perguntas.

— Desculpa, mas é que isto é demais. Juro, pensei que algumas de nós acabassem a noite assim, loucas, deitadas em baixo, ou por cima, de um homem qualquer. Mas tu? Nunca.

— Honestamente, nem eu. Não tenho qualquer memória do que se passou nem com quem. — A expressão de júbilo e gozo da parte dela fez-me rir. — É claro que presumo que tenhamos feito aquilo em que estás a pensar, senão não sei porque teria ele as minhas cuecas. O que quero dizer é que não faço ideia de tudo o que fizemos ao certo.

— Ou podes ter sido acometida por uma loucura momentânea e quiseste mandar as cuecas para cima dele como se faz nos concertos.

— Nem tu, nem eu acreditamos nisso, além de que me parece um pouco parvo. — Suspirei e passei a mão pelo cabelo. — Só que também não tenho coragem de o contactar para saber realmente tudo o que aconteceu. Tenho vergonha, porque nem sei como ele é. Fui para a cama com alguém e nem me lembro. Queres pior?

— Pode ter sido no chão. — O sorriso e o piscar de olhos fora bastante exagerado deixando antever o que iria na cabeça dela.

— Não sei, nem me interessa. Só quero saber quem é e como é que tudo aconteceu, e ele é o único que me pode responder a isso. E não tenho coragem de lhe ligar. — O almoço chegou e o empregado sorriu sedutoramente para nós. Teria ouvido a nossa conversa? Ou pior, muito pior, seria ele? — Viste bem a expressão do empregado?

— Sim, o que tem? — Levava o copo a caminho dos lábios, quando me mirou de semblante franzido e confusa.

— Será ele? É que pela forma como olhou para mim... — Cheguei-me à frente e sussurrei, não querendo que mais ninguém ouvisse o meu desabafo.

— Estás louca? Só porque fez um sorriso sedutor?

— Que motivo teria ele para chegar e sorrir indecentemente para nós?

— Bem, porque somos mulheres, estamos sozinhas, ninguém usa aliança, não que isso seja algum impedimento, e como disseste, para nós. Sorriu para nós. Acho que este assunto te deu a volta à cabeça. Ou então foi a quantidade absurda de álcool. Ou o sexo esplêndido com um desconhecido. — Voltou a beber e recostou-se a desfrutar.

— Nem esplêndido sei se foi. Outra coisa maravilhosa, não haja dúvida, ter sexo e nem saber se se gostou. Ao menos disso poderia e devia lembrar-me, não?

— Possivelmente não foi bom. Mas, como só há uma forma de o descobrires...

— Não. Decidi que não vou ligar. Vou esquecer o que aconteceu e passar à frente. — Dediquei toda a minha atenção ao prato que tinha à frente, mas sentia o estômago um pouco embrulhado.

— Isso já fizeste. — Ela levava garfadas cheias de comer à boca, o que me causou uma certa inveja. Apesar de me sentir enjoada, tinha fome.

— O quê?

— Esquecer. Não é esse o problema? Teres esquecido o que se passou? Queres esquecer o que foi esquecido?

— Engraçadinha. Isso é mais não me lembrar, do que propriamente esquecer.

— Faça o meu melhor. — Imitou uma vénia mesmo estando sentada. Qualquer assunto com ela era quase sempre levado na brincadeira. Era a sua forma de suavizar as coisas. — Então devíamos falar sobre o casamento e a roupa que ainda não escolhemos.

O casamento. O maravilhoso, deslumbrante casamento da nossa amiga Carolina. Há alguns anos que só ouvíamos falar em festa, bolo, decoração, vestidos e afins. Estavam a organizar uma festa em grande, com tudo do bom e do melhor. Se era para casar havia de ser com tudo aquilo a que tinha direito, dissera ela. Nós achávamos que ela estava a dar em doida com tanta coisa ainda por fazer, tantos detalhes ainda por preparar. Havia dias em que o *stress* era tanto que até connosco já gritava.

— Nem fales nisso. Ela anda estoirada, psicológica e fisicamente. A mãe dela ligou-me a pedir se a podia distrair, porque tem noites que mal dorme de tão ansiosa que anda. — Suspirei, preocupada com a Carolina.



— Ela anda de rastos, é verdade, mas também já anda a dar comigo em louca. Coisa que pensei que nunca ninguém conseguisse — disse a Caetana enquanto fazia sinal ao empregado para se aproximar e pedir mais uma cerveja.

— Reparaste que antes de ter começado a beber, parecia desorientada com tudo? Até queria que no restaurante nos sentássemos com lugares marcados.

— Se reparei? É claro! Dei-lhe logo um encontrão com o ombro e disse-lhe para relaxar e pedir bebidas.

— Não sei como o Ângelo anda com isto do casamento, mas não me parece que andem numa boa fase. — Referia-me ao noivo dela, que segundo a mãe, já evitava até os telefonemas da noiva.

— Ela anda obcecada com a perfeição. Nem quero pensar se algo não corre como ela planeou.

— Temos de tentar que ela desfrute da festa e deixe o resto para nós, para os pais, sei lá. — Levei uma garfada à boca e consegui comer, mesmo que lentamente.

— E disse-lhe que aquela despedida de solteira foi a pior a que já fui. Imagina como ela ficou. Disse que organizou tudo e que tinha tudo para correr bem. Até tirou o telemóvel para gravar o que eu achava que não estava bem, vê lá. — Levantou levemente o canto do lábio num sorriso matreiro. — Gritei *stripper!*

— Levaste a pobre da Carolina a ter um ataque por falta de *strippers*?

— Óbvio! Se queria perfeição, onde estavam os homens nus a balançarem-se? Onde estavam os apetitosos, musculados?

— Acho que não é nada o género dela, mas quem sou eu para falar do que é o género de cada um depois do que fiz.

— Ao menos tiveste um homem nu. Não precisas de te vangloriar disso enquanto ando a chorar por um.

— Não sei se tive. — Suspirei, resignada com a falta de informação.

— Bem, que tal uma volta após o almoço, para vermos as novidades?

— Não posso. Quem me dera. Tenho um trabalho enorme para entregar, nem sei como o vou fazer.

— Problemas no trabalho?

— Quando é que deixaram de existir? — Bebi um pouco de água. — A minha chefe odeia-me.

— Por que não te despede?

— Não sei. Prefiro que não o faça, dado que tenho contas para pagar. — Encostei-me na cadeira, mirando-a por cima do copo. — Vida de adulto.

— Percebo-te perfeitamente. Se puder ajudar...

— Percebes algo de *marketing*? Algo de estratégias e propaganda? Como elaborar um relatório sobre um produto?

Abanando negativamente a cabeça, franzindo o sobrolho bebeu um pouco da sua cerveja.

— Não, Beatriz, não percebo nada disso.

— Tenho trabalho no escritório, trabalho fora dele. Nunca sei quando termina o horário laboral e quando chega o de descanso. Há sempre mais e mais.

— A tua chefe quer mesmo ver até onde consegues chegar.

— Quer é ver quando é que vou cair.

— Não vais. Ela vai ver de que fibra és feita.

— Acreditas mais em mim que eu mesma, Caetana.



## Capítulo Três

### Beatriz

**HAVIAM-SE** passado dois meses e não tivera mais notícias do desconhecido das cuecas. Carinhosamente apelidara-o de desconhecido *sexy*, pois a mente continuava sem me facilitar a vida. Aos poucos acabei por esquecer aquela noite, ou o pouco que me lembrava. Arquivara a mensagem para o caso de beber demais e fazer alguma parvoíce. Não poderia responder pelos meus atos se bebesse em demasia, levando-me a atitudes pouco benévolas para mim.

Agora, vislumbrando-me ao espelho, sorrio, ao notar que a maquiagem estava neutra como eu gostava. Não era muito fã de arriscar, sentindo-me mais confiante com tons neutros, apenas dando destaque aos lábios, com um batom carmim.

Tentava enfiar-me dentro de um vestido vermelho-escuro bem apertado, em forma de tubo. Não sabia ao certo quem deveria culpar, se a noiva, por me fazer entrar dentro de um vestido onde mal me mexia, ou se a mim mesma, por ter engordado três quilos antes do casamento e nem ter experimentado mais uma vez a peça de roupa. Seria lindo se no dia do casamento o vestido não me servisse. Estava mesmo a ver a Carolina a ter um ataque ao ligar-lhe a dizer: «*Desculpa, mas o vestido não me serve, engordei, tens algum plano de reserva?*». Ri-me sozinha a imaginar a situação. Se bem que, conhecendo a noiva como conhecia, achava-a plenamente capaz de ter alugado vários vestidos de vários tamanhos para o caso de existir alguma situação destas.

Bem, teria de ir assim até ao altar, a andar estilo pinguim, com uns saltos altíssimos de doze centímetros. Naquelas alturas chamava todos os nomes possíveis e imagináveis aos meus pais por me terem concebido apenas com um metro e meio de altura. Não que a genética fosse má, nada disso. Tinham ambos mais de um metro e setenta. Pelo que diziam,

era tal e qual a minha bisavó. Obrigadinha, mas não era necessária esta herança. Até de saltos era mais baixa que muitas das minhas amigas.

Optei por um penteado mais sofisticado, um coque com o cabelo enrolado, ornamentado com brilhantes dourados que realçavam o moreno da minha pele. Como esquisita que era, fizera a cabeleireira sofrer um pouco, porque desejava um coque desajeitado. Idealizara um penteado que me fizesse parecer *sexy* e ao mesmo tempo séria. Por fim, a cabeleireira depois de muito ouvir «*Não, não é assim, solte mais uns cabelos da direita... Não, não, agora da esquerda...*», recriou aquilo que eu imaginara. Tinha a sensação de que nunca mais me quereria no salão pela rapidez com que fechou a porta nas minhas costas.

Saí do quarto e dirigi-me para o salão onde estariam as outras damas de honor, juntamente com a noiva. O hotel era magnífico e entendia bem o porquê de ter sido o local escolhido para a boda. A vista era esplêndida, com o mar como fundo. Os jardins estendiam-se num manto verde interminável, quase fundindo-se com o mar. O próprio hotel assemelhava-se a um castelo de um conto de fadas. Com torres lateralmente dispostas, enaltecendo a escadaria de mármore, bem no centro, já revestida com a típica carpete vermelha. De um branco singelo, o hotel reluzia face à luz do sol. Na sua simplicidade, destacava-se de toda a paisagem. A porta de entrada, grande e pesada, dava acesso a um *hall* com colunas estilo romano, demasiado esguias. E o teto era de um rosa-pálido, debruado a ouro. Sentia-me uma princesa dentro de um conto de fadas.

O dia estava perfeito. O sol brilhava e nem uma única nuvem se via no céu. A piscina que se tornava uma só com o mar fazia o local parecer mágico. Numa das laterais, uma capela havia sido improvisada para o casamento, completamente decorada com flores em tons de rosa e amarelo. As cadeiras brancas com laços amarelos a chamar o verão, as mesas espalhadas com toalhas esverdeadas. Tudo fresco e leve como a noiva quisera. Ao fundo, as árvores davam sombra para quem não conseguisse suportar o calor que se fazia sentir. Alguns bancos de jardim tinham sido ali colocados de propósito. A Carolina exigira a perfeição e alcançara-a.

Caminhei até ao elevador feliz por ela não ter desistido do seu sonho, por não ter baixado os braços e por ter lutado para ter tudo como idealizara. Se um dia me casasse queria que fosse assim também. Tudo

lindo, bem organizado, perfeito. Sabia bem o quanto a Carolina se tinha dedicado ao casamento e o quanto ficara nervosa e ansiosa para que ficasse como sonhara. Naquele momento só esperava que não ocorresse nenhum contratempo.

Enquanto aguardava pelo elevador, dei por mim a brincar com o cabelo que me caía pela face. Enrolava e desenrolava uma madeixa cor de caramelo. Boa, agora estava a despentear-me toda antes da boda. Tentava arranjar o que conseguia pelo reflexo nas portas do elevador quando estas se abriram e um homem ficou a olhar para mim.

Alto, com um fato negro bem assente no corpo, quase batia com a cabeça no topo do elevador. Os olhos, de um azul-escuro, quase preto, chamaram-me à atenção. Mas, o que mais me atraiu foi a boca carnuda, perfeitamente esculpida. O arco do cupido, em forma de triângulo, fazia daqueles lábios os mais belos que já havia visto. Demorei-me algum tempo a fixá-los, assustando-me quando ele levantou a mão para a porta, para que esta não se fechasse.

Levantei o olhar e senti-me uma maluquinha em frente a um convidado. Mais um ponto contra mim, se isto fosse um jogo, estaria definitivamente em desvantagem.

— Vai entrar? — perguntou o desconhecido, ainda com a mão na porta.

— Sim, sim. Desculpe. — Segurei o vestido e entrei no meu estilo pinguim. Sorri envergonhada. — O vestido é um pouco complicado.

— O cabelo também, pelo que vi — ele disse, encostando-se de braços cruzados à parede do elevador.

— Pois, digamos que afinal o despenteado *sexy* não resultou propriamente como previra.

O seu olhar era pecaminoso. Ou seria da minha cabeça por o considerar tremendamente *sexy*? O homem emanava erotismo. Ou, talvez se devesse à minha abstinência sexual, o que era bastante provável.

— Acho que está maravilhosa. Nada demasiado formal. — O seu olhar percorreu-me por inteiro, deixando-me as pernas a tremer e um fogo a despoletar dentro de mim. Seguramente não era nada da minha imaginação. O homem era *sexy* como um raio! — Esse ar de quem acabou de ter uma tarde louca de sexo fica-lhe a matar.

— Desculpe? Tarde louca de quê?

— Não precisa de ficar nervosa, é algo natural.

— Entendeu... mal. Eu estava efetivamente a colocar o cabelo no sítio, sabe... porque eu própria... bem... ninguém o desmanchou. — Ficara nervosa, gaguejando. Virei a cara para as portas, tomada por um desejo de que estas se abrissem depressa para poder fugir do estranho. Mas porque é que o elevador nunca mais parava?

— Ansiosa... por algo? — Aquela pergunta, feita com um tom provocador, fez com que um alarme tocasse dentro de mim. Virei-me para ele, inquisitiva.

— Apenas pelo casamento. — Concentrei a minha atenção nas portas do elevador, entrelaçando as mãos uma na outra.

Desencostou-se sorrateiramente da parede e dirigiu-se a mim com as mãos nos bolsos. O elevador parecia enorme, porque na minha cabeça ele demorou bastante tempo até chegar junto de mim. Como se se tivesse movido em câmara lenta. Ou então eram coisas da minha cabeça, a imaginar que isto era um filme e ele um galã de cinema. Chegou perto de mim, quase sentindo a respiração dele na minha cara, absorvendo cada detalhe seu. O seu tom de pele moreno, graças ao Sol, naquele fato preto fazia com que ele emanasse uma aura de mistério. Fechei os olhos querendo que tudo aquilo acabasse, que aquela tensão que estava a sentir desaparecesse. Não queria sentir nada por um desconhecido, muito menos tensão sexual nos meros minutos em que estávamos a ocupar o mesmo espaço. Porque é que as portas do elevador nunca mais se abriam?

Sentia a respiração acelerar, o peito a subir e a descer mais desenfreado que o normal e os meus mamilos a ficarem eretos apenas por sentir a sua presença. O meu corpo reagia ao aquecer e tremer. Girei a cabeça querendo aliviar alguma da tensão, mas mal senti um dedo no meu queixo abri os olhos assustada. Brindava-me com o sorriso mais matreiro, ousado e sexual que já tinha visto em toda a minha vida. Entreabri os lábios, inspirando e vi o seu olhar descer sobre eles e voltar a focar-se nos meus olhos cor de âmbar. Ele desceu lentamente a cabeça e pude sentir a sua respiração demasiado perto. Como um toque leve no meu pescoço.

— O casamento que não é seu, deixa-a nervosa? Ou será alguém que pretende encontrar? — A sua voz rouca fez-me soltar um gemido profundo.

— Não penso encontrar ninguém — gaguejei, afastando-me dele.

Um sorriso enorme e provocador adornou-lhe os lábios. Erguendo uma mão, aproximou o indicador do botão do elevador.

— Então, é melhor colocar o elevador em andamento ou prefere que a agarre em algum lugar?

Demorei um pouco a assimilar aquela informação, já que me sentia nas nuvens, ou melhor, em pleno inferno de tão quente que estava. O sorriso *sexy*, o olhar sedutor e o pecado em pessoa. Por mais que me sentisse tentada, por mais que aqueles minutos me fizessem lembrar que era mulher e que tinha desejos, senti-me um peão nas suas mãos. Aquele homem provocou toda aquela situação para mostrar que eu o poderia desejar? Em poucos minutos? Mas quem pensava ele que era? Pensava que todas as mulheres lhe sucumbiam apenas porque era uma espécie de deus a povoar a terra? Eu iria mostrar-lhe bem do que era feita. Mesmo que isso me fizesse andar ainda mais em estilo pinguim por ter de contrair as pernas.

— Pensa que sou uma qualquer que vai para a cama consigo apenas porque a maioria o deve fazer? Está muito enganado. — Cheguei-me mais perto dele, mas em desafio. Empinei o peito, espetei o queixo e semicerrei os olhos encarando-o. Queria que ele sentisse a raiva que emanava de mim. — Odeio homens como você. Homens que acham que podem ter quantas quiserem, quando quiserem! De mim não vai ver nada, nem sequer o meu sorriso.

Subitamente as portas abriram-se e saí sem sequer olhar para trás para o desconhecido *sexy*. Não queria mais falar com este homem, nem vê-lo. Tentei andar o mais depressa que me era possível, quando algo que ele disse me fez parar.

— Estás preocupada com o sorriso quando já vi bem mais, Beatriz?

Virei-me a tempo de ver o seu sorriso antes de as portas do elevador se tornarem a fechar. Mas que queria ele dizer com aquilo? Será que alguma vez me tinha visto nua?







## Capítulo Quatro

### Beatriz

— **ONDE** estavas? A Carolina já está a ficar neurótica com os atrasos sucessivos — sussurrou-me a Nádía mal entrei na sala onde a sessão fotográfica com as damas de honor iria ter lugar. O nervosismo pairava no ar, antecipando a agitação que se fazia sentir. Algumas a beber desenfreadas, outras a roer unhas, outras a deambular de um lado para o outro num *jogging* mal conseguido, dado que o vestido não ajudava, e ao fundo, bem em frente à janela, estava a noiva. Não conseguia ver a sua face, mas percebi que não estava bem. Não sabia se chorava ou se estava apenas apática, mas aquilo não era nada típico da Carolina. Deixar a situação fugir do controle e sem ninguém estar a fazer o que era devido, era um comportamento que em nada estava relacionado com o feitio dela. Pensava que iria entrar na sala e vê-la aos gritos com todos, a comandar, a lançar olhares fulminantes nas mais variadas direções, a resmungar que não era assim que queria as coisas.

— O que se passa? Por que está tudo nesta catástrofe? — Virei-me e olhei para a Caetana que acabara de surgir do meio da tempestade.

— Não sei. Ela está ali quieta e não fala com ninguém. A mãe já cá veio e foi embora desorientada. Mas ela continua sem abrir a boca. — Pegou num copo de espumante e passou-me outro que recusei. Encolhendo os ombros, passou à Nádía e beberam as duas de uma vez só.

— Está assim desde que todas aqui chegaram. Já cá estava com o fotógrafo e parecia estar tudo a correr bem. Estava a rir e a dar sugestões de poses. Subitamente, ficou assim. — Olhámos as três na mesma direção, como que à espera de algum movimento da parte dela. — Nem o fotógrafo percebeu.

— Vou tentar falar com ela — sugeri após a troca de olhares, como se fosse apenas mais uma a tentar.

Dirigi-me à Carolina, estarrecida com o enorme caos que reinava dentro daquela sala. Damas de honor a suar, com a maquilhagem, outrora de certeza perfeita, a deixar manchas na pele. Outras com o penteado completamente desfeito por estarem deitadas. Garrafas vazias espalhadas pelo chão.

Se as coisas não se resolvessem o mais prontamente possível, este casamento iria ser um fiasco. Tudo aquilo pelo qual a Carolina lutara tanto iria por água abaixo. E, depois de ter testemunhado o quão empenhada havia estado, o quanto nos tinha dado cabo do juízo, não poderia deixar que as coisas acabassem desta forma. Sem rumo, sem coordenação e tudo desorientado.

Coloquei-lhe a mão no ombro, mas a Carolina nem se mexeu. Não virou a cabeça para tentar ver quem estava ali. A ausência de reação, perturbou-me. Olhava em frente, fixando algum ponto algures pelas janelas de vidro, de braços cruzados. A maquilhagem impecável destacava aquilo que ela tinha de melhor. Os seus olhos grandes e em forma de amêndoa de um tom de verde-musgo estavam lindos, mas não brilhavam. Não via felicidade naquele olhar. Não via a alegria que a caracterizava.

Fiquei ao seu lado, envolvendo-lhe a cintura com o braço, puxando-a para mim, mas em vão. Colei o corpo mais ao dela e ouvi a sua respiração, profunda e descontrolada. Não sei quanto tempo ficámos ali, assim, quietas, comigo agarrada a ela, sem me mexer sequer. O Sol brilhava cada vez mais alto, não havia nenhuma nuvem no céu, o calor fazia-se sentir cada vez mais. Estava um belo e maravilhoso típico dia de verão, como ela queria para o dia do seu casamento.

— Está um dia lindo. — Foi a única coisa que me lembrei de dizer. Porque será que as conversas sobre o tempo eram as únicas de que nos lembrávamos quando não sabíamos o que dizer?

Já estava quase a desistir, quando o seu rosto se virou e fixou o meu. Os seus olhos continuavam inexpressivos, a sua boca sem nenhum sorriso, mas algo mudara. Não conseguia perceber ao certo o que mudara na expressão dela, mas sentia-a diferente. Após algum tempo, suspirou e a postura rígida cedeu um pouco. Os ombros caíram, os braços outrora cruzados estavam agora ao lado do corpo e no seu olhar só via tristeza. Queria com todas as minhas forças tirar aquele sentimento de dentro dela, de a transformar na noiva mais alegre e bela que existia, mas senti-me impotente.

— Estou perdida — sussurrava, um som quase inaudível.

— Posso ajudar? — Agarrei-a com mais força querendo dar-lhe o meu apoio.

— Não. Ninguém pode.

— O que se passa? O que é que aconteceu? — Voltou a olhar pela janela, mas desta vez uma grossa lágrima escorregou-lhe pela face.

— Cometi um erro. Um grande erro.

— Todos cometemos erros. Tu, eu, todos.

— O meu prejudica algumas pessoas. — Fechara os olhos e suspirava. Eu não percebia o que se passava. Que erro tinha cometido ao ponto de a fazer ficar estática e sem reação? Que erro poderia ser tão grave que a estava fazer perder o próprio casamento?

— Ouve, de certeza... — mas não consegui acabar o que ia dizer. Ela olhou para mim com dureza no olhar como que a pedir-me para não continuar com frases pré-feitas.

— Não, Beatriz, não há solução. Duvido seriamente que haja. Se fosse ao contrário, comigo não haveria.

— Carolina, o que raio é que fizeste?

— Mantive uma relação com o meu primo enquanto namorava o Ângelo. — Aquilo caiu-me como uma bomba. O quê? Mas que raio! Logo ela que condenava e criticava as traições? Que sempre romantizara muito as relações, o amor e tudo o que este significava? Fiquei sem saber o que pensar, quanto mais o que lhe dizer. A minha expressão devia ser o reflexo dos meus pensamentos, porque ela sorriu ironicamente. — É isso mesmo que ouviste. Eu traí o Ângelo e não foi apenas uma vez. E agora, por mais que lhe tivesse pedido que não aparecesse, ele veio. O meu primo veio ao casamento, mesmo não sendo convidado. Apareceu a meio da sessão fotográfica.

— Mas... se não o convidaste, se pediste... achas que ele está mesmo apaixonado por ti? — perguntei reticente. Afinal, não tinha sido apenas um caso? Ou haveria mais coisas por detrás que eu desconhecia? — Pensaste que tudo tinha terminado sem problemas?

— Eu pedi, implorei. Mas não adiantou, ele veio. Veio para me mostrar que vai acabar com a minha vida. — Subitamente soltou-se de mim e começou a andar frenética pela sala, com todos os olhares a recaírem sobre ela. Toda a energia que a consumia era agora libertada,

desse por onde desse. Ninguém falou, ninguém a tentou parar. Ficaram todas fixadas nos seus movimentos, enquanto ela gritava. Nunca a tinha visto assim. Histérica e desesperada. Mas também nunca pensara que ela pudesse fazer o que fez. Até que ponto conhecíamos alguém? — Veio para acabar com tudo. Tudo aquilo que sonhei, tudo aquilo que construí. Para acabar com todo o caminho que tracei. E porquê? Porque diz que sou dele. — Esbracejava como uma louca, puxando o cabelo e com uma parte da maquilhagem já desfeita. Ninguém entendia as suas palavras, ninguém percebia o que ela queria dizer com aquele desabafo. Continuou a calcorrear a sala, praguejando enquanto eu pedia a algumas pessoas para saírem. No fim ficámos apenas eu, ela e a Caetana.

— O que se passa? Não entendi nada. Ela está a falar de quem? — perguntou quando já estávamos sozinhas.

— Já vais perceber. Deixa-me tentar que ela se sente para falarmos. — Dirigi-me à Carolina e agarrei-a pelos braços forçando-a a parar. Ela esbracejou, empurrou-me, quase me mordeu, mas acabei por conseguir fazer com que se sentasse. — É mais fácil se te sentares e se conversarmos calmamente. Só assim iremos encontrar uma solução.

— Tens razão. Mas não me conformo. — Tentou levantar-se outra vez, mas empurrei-a em direção ao sofá com alguma violência. Estava a perder a paciência com o seu comportamento. Se não queria que todos soubessem o que se passava e se queria ir para a frente com este casamento tinha de se acalmar. — Não aceito. Ele veio destruir-me! Era para ser uma coisa sem sentido. Apenas uma vez.

— O que era para ser uma vez, Carolina? — perguntou a Caetana intrigada com todo aquele espetáculo. A Carolina suspirou, fechou os olhos e quando os abriu parecia um pouco mais calma, apesar de se conseguir ver a tormenta por detrás deles.

— Deixem-me contar a história, a péssima decisão que tomei.

Sentámo-nos a seu lado e ela agarrou-nos nas mãos. Ficámos as três de mãos dadas, formando uma unidade. Éramos amigas há tempo suficiente para sabermos ouvir caladas e para criticar se fosse preciso.

— Tudo começou quando o Ângelo foi numa viagem de trabalho. Aquela viagem que ele fez à Escócia. Bem, ambos pensávamos que aquela viagem era passageira. Que iria demorar, o quê, duas, três semanas no máximo. Afinal, ele iria apenas conhecer uma nova destilaria, um

novo produto. — Apertou-nos as mãos e fechou os olhos, como que visionando tudo outra vez. — Passou de uma, a duas, a três, a não sei quantas destilarias por toda a Escócia. A empresa estava radiante com o seu trabalho. Eu estava orgulhosa do trabalho dele. Só que, o que era para ser pouco tempo, passou a meses. Estivemos seis meses só a ver-nos por videochamadas. Nas últimas discutimos e foi grave.

— Eu lembro-me. Andavas desorientada porque não sabias o que fazer. Se deverias terminar a relação, mas que por chamada não te parecia correto. Até porque gostavas dele. — Apertei-lhe mais a mão e ela abriu os olhos, encarando-nos. Vi ainda mais tristeza naquele olhar. Apercebi-me da desilusão. O suspiro dela era de partir o coração. A dor que ela estava a sentir, estava a deixar-nos a nós tristes. Levantou-se e colocou-se de frente para nós, com um sorriso triste no rosto.

— Sim, pensei em terminar a relação. Não sabia quanto mais tempo iria ele andar de um lado para o outro sem vir a casa. Quis confiar nele, acreditar que iríamos aguentar, mas estava a ser difícil. Não acreditei que ele me fosse fiel. — Lançou os braços para baixo em jeito de frustração, de raiva, de derrota. — Seis meses fora e sem sexo? Não acreditei. Pensei, é homem, claro que me vai trair. Numa das últimas vezes que falámos, expus o meu receio. Ele disse que estava parva, que não fazia sentido. Que me amava e isso, por si só, deveria ser o suficiente. Desliguei a chamada. Não sei o que aconteceu nessa noite, nem nas três a seguir, porque não lhe liguei, nem ele a mim. Bem, numa dessas noites, saí e fui beber. Queria esquecer, desanuviar e apeteceu-me um copo. Mas queria estar sozinha. Desculpem por não ter partilhado a minha dor antes. Enfim, encontrei o meu primo, Leandro. Uma bebida, duas e acabámos entre lençóis.

— *Ok*, erraste, mas todos o fazemos. Uma noite... — disse, e o sorriso dela tornou-se sarcástico. Olhei para a Caetana, mas esta não tirava os olhos da Carolina, de semblante franzido.

— Uma noite que se tornou várias. Uma noite que se tornou na salvação da minha alma. Todas as noites, tardes ou manhãs que estava com ele, sentia-me viva, como nova. Como se não existissem problemas. Como se aquilo fosse a salvação. — Ergueu o olhar para o teto e quando o tornou a baixar, estava séria e rígida. A fase histérica e triste dera lugar, novamente, a uma Carolina dura e implacável. — Afinal, foi a minha condenação. Quando estava com ele, não pensava em nada. Nem

no Ângelo, nem no que iria provocar à minha relação, à minha vida. Só pensava no prazer que tinha, naquilo que me fazia sentir quando me tocava. Quando dei por mim, ele dizia que me amava.

— E como acabaste com isso? Como fizeste para ele entender...

— A Caetana olhou para mim com uma dúvida latente a assomar-lhe no rosto. Percebi que devíamos estar as duas com a mesma questão. — Quando é que entendeste que, afinal, era o Ângelo que querias? Que ainda o amavas?

— Eu nunca deixei de o amar. Aqueles meses separados, contaminaram a relação. Quase que acabaram com ela, porque estávamos longe. Deviam fortalecer, eu sei. Sei perfeitamente que as pessoas pensam que se não aguentamos estar separados, que não temos uma relação sólida. Só que é completamente diferente dividires o mesmo espaço, do que não dividires nada. — Voltou a andar pela sala, já de forma calma. — Quando o vi, passado tanto tempo, percebi que tinha cometido um erro. Um grande erro. Que o meu coração era dele. Tentei acabar tudo com o Leandro, mas ele não deixava. Dizia que ia contar tudo, que ia acabar com o meu noivado. Disse para ele fazer o que quisesse, mas que eu não iria ser dele, muito menos se ele tentasse acabar com tudo o que amava.

— Meu Deus, deves ter ficado... Não consigo encontrar palavras.

— Porque realmente não fazia a mais pequena ideia do que lhe dizer. Que agira mal? Ela sabia, não iria ser eu a tocar mais na ferida. Que tinha cometido um erro enorme, que poderia pôr tudo em jogo? Que estava a um mero passo de perder tudo? O casamento, a vida que construíra com uma pessoa? O amor dessa pessoa?

— Ele afastou-se. Desapareceu. — Encheu três *flutes* com champanhe, do resto de uma garrafa que alguém havia deixado ali, e dirigiu-se a nós com um ar bastante abatido. — Tentei contar tudo ao Ângelo, uma noite. Quis contar-lhe. Quis que soubesse tudo, porque não aguentava mais sentir nojo de mim. Disse-lhe que cometera um erro, mas ele não quis ouvir. Tapou-me a boca com a mão. Parece que ainda o estou a ver, a olhar para mim, com aquele olhar doce e a dizer-me: «*Não me interessa, não quero saber. Amo-te e é o que importa. És a mulher da minha vida.*» Não consegui contar-lhe e nunca mais pensei no Leandro. Até me ligar a dizer que vinha, que é apaixonado por mim. Concedeu-me este tempo para contar tudo ao Ângelo, senão contava ele. Preferia perder-me por

completo do que ficar com a dúvida. Como se eu fosse ficar com ele. — A raiva era latente na sua voz, nos seus gestos. A mão que tinha a taça de champanhe estava tensa e a apertar com força, o olhar fixo em frente, semicerrado, como que apontando a algum alvo, o maxilar crispado.

— O que vais fazer? Vais contar ao Ângelo? — perguntei delicadamente não querendo aumentar a ansiedade que emanava dela. Voltou-se para mim, com o olhar sério, duro e categórico.

— Óbvio! Que solução tenho eu, Beatriz? Deixar o Leandro contar-lhe tudo? Perder a oportunidade de lhe mostrar que estava arrependida? Não vou dar essa satisfação àquele canalha! — Lançou a taça estilhaçando-a contra a parede. Assustei-me com a sua reação, apesar de conseguir entender a raiva que sentia. Levantou-se, alisou o vestido, um velho hábito que tinha, limpou a cara e sem olhar para nós, avançou e saiu pela porta.

— Está metida numa bela alhada. Nem sei o que faria, digo-te já. — Olhei para a Caetana, que continuava a olhar de forma perplexa para a porta. Não era comum nela estar tão calada ou quieta. — Estás bem, tu?

— Sim. Sim, estou. Apenas penso, tu tiveste sexo com um desconhecido. Esta tem um caso extraconjugal. E eu, que tenho fama de doida, de louca e de atiradiça, ando a trepar as paredes! Não deveria ser fama e proveito em igual proporção? — Olhou para mim com um ar realmente confuso. Nem queria acreditar que depois de tudo o que tínhamos ouvido, aquela era, realmente, a preocupação que lhe ia na cabeça.

— Só podes estar a brincar comigo, Caetana! A Carolina está de rastos! De rastos, ouviste bem? É o dia do casamento dela e o primo veio estragar tudo. — Levantei-me, um pouco surpreendida comigo mesma pela minha reação acalorada. Tinha ficado com raiva pela situação e pela forma como ela estava a agir quando a nossa amiga estava um caco. Se pensei que isso a levasse a mostrar arrependimento, enganara-me. Em vez disso, levantara-se, com fogo no olhar e bastante direita, mostrando bem a diferença que nos separava.

— Não estou a brincar com ninguém. Ela é que andou a brincar com os sentimentos de um homem que dizia que amava. Ela, que sempre me criticou pelas minhas escolhas. Por escolher ter sexo quando me apetece, com quem me apraz. Ao menos não engano, não traio. Sou direta, sou sincera. Brincou com o coração de alguém. Mas a má, para variar, sou eu.

Mesmo errando, mesmo tendo feito a maior asneira à face da Terra, eu é que sou a má porque não lhe passo a mão na cabeça? Ela tem e terá toda a minha amizade, todo o meu tempo para se precisar de chorar, para se precisar de rir. Mas não irá ouvir-me dizer que já passou e que está tudo bem, porque não está tudo bem. Pensa comigo, ou o casamento acaba agora ou casam chateados. Que início será este, diz-me tu! — Caetana tinha toda a razão no que me estava a dizer, mas não conseguia deixar de sentir pena da minha amiga, não conseguia deixar de pensar que errara, mas arrependera-se.

— Não é razão para estares a pensar em ti, neste momento.

— Eu acho que é. Sabes porquê? Porque não há nada, rigorosamente nada, que possa fazer para a ajudar. Ela tem de sair do buraco sozinha.

Dito isto virou-me as costas e saiu, não sem antes mandar a taça de champanhe pelos ares.